

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1504

Sábado, 20 de Outubro de 1923

PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º e Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officina de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

O sr. Joaquim Ribeiro, depois de favorecer as moagens e os lavradores, recolheu a sua casa a gosar os rendimentos...

Os mineiros de São Pedro da Cova precisam de auxílio!

A empresa desumana e exploradora das minas de São Pedro da Cova, que tem enriquecido á custa da miséria dos trabalhadores está convencida de que poderá vencer os mineiros pela fome e pelas persegui-

ções acintosas movidas por autoridades sem escrúpulos. Julgam os exploradores e os perseguidores que o operariado do resto do país não saberá prestar a esses heróis aquela desinteressada solidariedade e

esperam o momento em que eles se encontrem sem recursos para os esmagar. Porém, o proletariado saberá destruir os planos dos exploradores intensificando o seu movimento de solidariedade

pró-mineiros de São Pedro da Cova, enviando-lhes, por intermédio da Confederação Geral do Trabalho e de A BATALHA o dinheiro de que necessitam urgentemente. Auxiliemos pois os grevistas!

TODO O OPERÁRIO DEVE HOJE CONTRIBUIR PARA OS GREVISTAS

A REACÇÃO!

Em Espanha, o operariado está sendo ferozmente perseguido :-

A "Solidaridad Obrera", suspendeu a sua publicação

O operariado português deve começar a encarar com atenção o que vai por Espanha no que se refere ao povo trabalhador. Dois factos muito importantes deram já o sinal de alarme. Um foi a condenação à morte dos sindicalistas Pedro Mateu e Luis Nicolau que o próprio tribunal reconheceu não possuir provas claras da sua culpabilidade; outro, mais recente, é a suspensão do diário "Solidaridad Obrera", portavoz da Confederação Nacional do Trabalho.

Justifica do seguinte modo a sua suspensão: «A partir de amanhã deixa de publicar-se a "Solidaridad Obrera", órgão da Confederação Regional do Trabalho de Catalunha.

Representando o jornal a organização catalã, é esta a que nos apoia a que sustenta o órgão dos trabalhadores.

Pois bem: todos os dias se ordena e se leva a cabo o encerramento de Sindicatos da região catalã pelas autoridades.

Isto faz com que as relações legais entre os vários organismos da Catalunha sejam interrompidas, porque não há entre as localidades o necessário contacto.

Em virtude desta falta de contacto, a redacção da "Solidaridad Obrera" encontra dificuldade em continuar representando os organismos operários.

Tal é o motivo da suspensão do jornal a partir de amanhã que já deixará de publicar-se.

Entenda-se que esta suspensão

não é definitiva, mas temporária, e que o jornal reaparecerá logo que cessem as circunstâncias que nos obrigam a suspendê-lo.

A redacção e administração. Vê-se, pois, que os tais políticos contra quem Rivera organizou o golpe de Estado são, afinal, os operários, as principais vítimas dos políticos de profissão.

Ainda não tivemos notícia de perseguições aos políticos, não sabemos que tivessem sido presos e os seus clubes encerrados; em compensação os sindicatos operários são obrigados a fechar, o jornal operário vê-se forçado a suspender a sua publicação, as prisões estão cheias de sindicalistas e os tribunais já condenaram à morte dois inocentes.

Podrá o operariado português ficar indiferente perante tanta injustiça?

O conselho federal da Federação dos Trabalhadores Rurais resolveu, na sua última reunião, enviar ao ministro de Espanha em Lisboa um telegrama de energico protesto contra a condenação de Pedro e Nicolau e convidar os sindicatos aderentes a fazerem o mesmo. A Comissão Administrativa do Centro e Biblioteca de Propaganda Social, Póvoa de Varzim, reunida em conjunto com a Comissão de Propaganda e Educação do mesmo Centro, apreciando a deliberação tomada pelo tribunal de Madrid resolveu enviar um telegrama de protesto ao representante de Espanha em Lisboa.

O Comité Nacional da União Anarquista Portuguesa resolveu exprimir ao governo espanhol o seu protesto contra a ditadura vigente, enviando para Madrid a nota dessa resolução. A Federação de Calçado, Couros e Peles, também aprovou uma moção contra a pena de morte em Espanha.

O PÃO NOSSO...

Também os Industriais de Panificação Independente dizem que não há pão barato porque o ministro da Agricultura não quer

A Associação dos Industriais de Panificação Independente fez distribuir profusamente um manifesto, no qual trata da actual situação da questão do pão e da necessidade de importação de farinhas americanas que façam baratear o seu custo.

Desse manifesto transcrevemos os seguintes trechos: «Ao entrar em vigor o actual regime de panificação que aboliu o chamado Pão Político a moagem tomou o compromisso verbal perante os corpos gerentes desta associação de fornecer farinhas, de 2.ª e 3.ª qualidades, às padarias independentes, sem as obrigar a comprar qualquer quantidade de 1.ª. Pois agora já as obriga a adquirir essa farinha, que custa 2880 cada quilo não lhes fornecendo as de 2.ª e 3.ª qualidades, em quantidade suficiente, para o abastecimento das classes pobres. Actualmente pouca farinha é fornecida para o uso comum o que já tem dado lugar aos justos protestos das classes menos abastadas, mercê do disposto no § 1.º do artigo 6.º do decreto n.º 9060 que autoriza os moageiros a estabelecer os preços de farinha e pão que julgarem convenientes aos seus interesses».

Destacamos ainda este trecho importante: «É preciso também que povo saiba que, já dentro do regime republicano ministros tem havido que sendo autores de projetos de lei para a nacionalização da moagem são agora grandes acionistas da mesma e os seus melhores cooperadores; não só na metrópole como nas nas novas colónias, etc., etc.»

Pró-presos por questões sociais

Comissão Central

Achando-se espalhados pelas mesmuras da república, mais de uma centena de operários, esta Comissão apela para que todos os Trabalhadores hoje abram quites nas obras, oficinas, ateliês, escritórios, etc., devendo o produto ser entregue na sede da Comissão das 21 às 23 horas. Até às 21 horas deverão as quites ser entregues na Administração de A Batalha.

Para deliberar sobre a distribuição de auxílio aos presos, reúne hoje, pelas 21 horas.

Os "bas-fonds" do movimento militarista espanhol

Alguns dados importantes sobre a psicologia do militar profissional em Espanha, que nos levarão a melhor compreender os seus actos de agora

É verdade que sou comunista liberal, que propago a necessidade de que o actual estado de coisas termine breve por injusto e desumano; mas, o declaro-me pertencente a uma escola ideológica não deve ser interpretado como sendo capaz de por acima da verdade dos factos de outras ideias o interesse ou o prestígio do meu próprio campo e pensar. É muito humano e justo que todo o indivíduo pertença a uma agrupação ideológica (desgraçado o ser que não pode pertencer a qualquer agrupação de ideias!); ele demonstra que não sente nobres ambições nem comoveções l) porque a sua filiação ideológica nos demonstra que se trata de um valor que pugna e luta continuamente para propagar suas concepções, para dar a conhecer ideias de pureza e bondade.

Porém, a cor ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Vou relatar o fundo obscuro, feio e ruim da classe militarista espanhola, o porquê da sua acção, todo o baixo fundo ignorado pelo povo. Falarei de algumas figuras, por mais intangíveis e elevadas que estejam; direi algo das suas immoralidades, das suas riquezas, do seu prestígio alcançado pelo favor, pela adulção e não por mérito pessoal nem colectivo. Quantos dados possui o farei sair à luz da publicidade; nada me detirá. Urge dizer-se o que se sabe e pense do «novo regime», cuja primeira manifestação, como que envergando-se da sua ilegal aparição, tem sido a opressão assediada ao coração da mais livre manifestação do pensamento.

A minha modesta pena, livre da censura militar, escreverá vigorosamente e dirá no estrangeiro o que não permitiria em Espanha o lápis vermelho da ditadura militar, dessa ditadura feroz, torpe e reaccionária que nos reconduz aos tempos da inquisição e do absolutismo monárquico.

Quanto eu diga será certo, rigorosa verdade, corroborada com datas e factos. É preciso, que se diga e que se saiba a gênese de certas regenerações, pretendidas por indivíduos amorais, imorais e envilecidos.

Modestamente, confesso que desejaria ver estas linhas lidas e reproduzidas em vários países, para que o proletariado se interesse pelo que neste país da Espanha da seita negra, ocorre.

O militar tem o ofício de matar. Ainda naqueles casos que não queira matar. Mata por ofício e mata por equívoco. Sempre mata. Matar é uma função sangüinária, cruel, feroz e bárbara.

«Não conheces nunca a soberbia, a presunção, o orgulho de casta dos *chatrias*, da oficialidade alemã antes da matança europeia? Não sabes da rigidez autoritária dos militares teutons? Aprecia um oficial guerreiro germano de 1913 e verás ante vós um débil reflexo do oficial militar espanhol.

O militar espanhol é o mais reaccionário da Europa sob dois primaciais aspectos: o de casta e o religioso. A oficialidade militar em Espanha é uma casta aparte da sociedade, uma casta presunçosa, altaneira e provocadora, que tem chegado a julgar-se o factor primordial na vida de relação do povo. Sob o aspecto de casta, veste com um luxo surpreendente, com uma elegância principesca, imprópria do soldo legal; nas suas relações com os demais julga-se superior, o senhor, tomando toda a gente como escravos, subordinados à vontade dos estrelados. Poder-se-ia dizer que usa monóculo e que olha a gente por cima do ombro e com a expressão no rosto do mais imperial despreso.

Seu conceito da disciplina é exageradíssimo, absurdo, enormemente sangüinário. Qualquer infracção cometida pelo soldado, por ligeiro que seja, o castigo com as sanções mais duras e atrozes. O fusilamento não é nenhum acontecimento novo no militarismo espanhol,

pelo contrário, pois constantemente sabemos de soldados que são passados pelas armas, e nunca soubemos de oficiais que sofram a terrível sorte—apesar de viverem em aberta rebelião contra o governo desde 1917. A sua obediência ao seu Código, ao Código de Justiça Militar, por sua parte é felicitosa, religiosa, fanática; mas, essa obediência tam somente se estende ao seu Código, porque é interesseira, porque entra nela o interesse geral da casta, da casta dos *chatrias*, dominadora e arrogante. Fora da sua casta não respeita nem obedece. Os princípios e interesses de classe, da casta que reúne prebendas e nobreza, estão por cima de tudo. Só por si, a acção das Juntas de Defesa é suficientemente eloquente.

Em outro país, aos militares rebeldes e subversivos se haveria fusilado, aqui concedem-lhes condecorações e recebem um trato de favor e de distinção.

Melilla, Outubro de 1923.

Huna KARDIN

Já está à venda O 3.º MODELO do selo pró-A BATALHA



Todos os amigos e camaradas devem desda já fazer os seus pedidos á administração de "A Batalha".

CADA CARTA COM 100 SELOS 1\$00

Que o selo de "A Batalha" seja afixado em toda a parte são os nossos maiores desejos.

Um traidor reles

O dr. João de Castro escreve à "Batalha" sobre este assunto

A propósito duma local que ontem publicamos acompanhando um autógrafo pelo qual se provava que o marinheiro ex-comunista Horta estava recebendo dinheiro da organização fascista, escreve-nos o dr. sr. João de Castro uma extensa carta, que em resumo diz o seguinte:

1.º O marinheiro Horta não é um traidor.

2.º O Horta quando se filiou no Nacionalismo Lusitano estava despregado e na miséria.

3.º Os 15\$00 a que a carta se refere, correspondem a uma parte de dois dias de trabalho que o «Serviço de colocação» organizado pelo Nacionalismo Lusitano lhe deve.

4.º As últimas palavras da sua carta referem-se a um caso de serviço interno.

Achamos natural que o dr. sr. João de Castro queira apresentar um filiado da sua organização como pessoa imaculada. O certo é que as suas explicações não conseguiram aclarar suficientemente o caso. Apenas por dever de lealdade, trouxemos a público a fórmula tam exacta quanto possível da carta que nos enviou, porquanto não vemos nela senão o desejo de salvar um amigo.

O Carvão

A Junta da Freguesia da Encarnação continua a distribuir cestas para aquisição de carvão, aos seus paroquianos, todos os dias úteis das 20 às 22 horas, na sua sede, rua Garrett, 109.

O abastecimento na freguesia das Mercês

Na freguesia das Mercês continuou ontem a distribuição, pela junta, de sementes para abastecimento de 10 quilos de carvão a cada paroquiano.

Hoje prossegue a distribuição, pelas 20 horas, sendo necessária a apresentação do recibo da renda da casa relativo ao mês de Novembro.

Conferencia Metalurgica

Por motivo de a comissão organizadora ter encontrado dificuldades na aquisição de uma sala de espetáculos que possa comportar o número de componentes da classe que deve assistir à Conferência, a mesma comissão, depois de consultar os corpos gerentes do Sindicato, resolveu adiar a magna reunião, que se devia realizar amanhã para o próximo domingo, 28 do corrente. Tal adiamento, não só obedece às razões atrás expostas, como também à necessidade de por estes dias se saber a resposta de um administrador de uma empresa central a quem por último a comissão se dirigiu, na vontade de que a Conferência se realize em local onde a classe se possa representar no seu maior número.

Tendo sido ontem na reunião dos corpos gerentes do Sindicato, apreciada favoravelmente o programa de trabalhos que será presente à Conferência; a Comissão Organizadora, na semana que entra, fará a necessária propaganda, esperando que a classe se interesse em tomar parte na Conferência, porquanto a ela serão levados trabalhos que se relacionam com a grave situação porque a classe está passando.

Uma escandalosa... vulgaridade

CONSTANTINOPLA, 9.—Ontem à noite pela primeira vez na história da Turquia, senhoras turcas dançaram em presença de estrangeiros numa «soirée» de caridade. Isto foi considerado alguns meios turcos como uma inovação pouco decente.

CONFERÊNCIAS

Na Póvoa do Varzim

POVOA DE VARZIM, 18.—C.—A convite do Centro e Biblioteca de Propaganda Social, desta vila, o camarada Cristiano Lima realiza uma conferência de carácter social, no próximo domingo, 21, pelas 19.30 horas, na Casa Sindical.

A comissão administrativa do Centro vai distribuir um convite ao público em geral convidando-o a assistir a esta conferência.

Os mineiros grevistas

Urge auxiliar os heroicos mineiros em luta contra uma companhia desumana e exploradora

PORTO, 17.—A greve dos mineiros de São Pedro da Cova, está cada vez sendo mais guerreada pelo Severiano, o de Carris, pelo Torcato, o jesuíta da rua Chã, e pelo Gonçalves de Oliveira, o ex-socialista de Oliveira do Douro.

Um dos processos usados pelos potentados da companhia mineira, é a intriga, é o boato. O principal divulgador das atoardas diversas, é o conhecido e negreado capataz, Miguel Bota, hábil na arregimentação de «amarelos», mas a quem desta vez lhe tem saído o gado mosqueiro...

Os donos da Companhia pensam assim, pela mentira, pela falsidade, pela intriga, conseguir o desfalqueamento dos heroicos grevistas—desalentando-os, confundindo-os, intrigando-os, explorando-lhes hipocritamente a sua ingenuidade e inexperiência nestas grandes lutas contra riquíssimas empresas ladravas e contra nababícos senhores, feudalistas, que só se sentem bem, roubando o suor amargurado do trabalho alheio.

No entanto, todas as manhas postas em prática ainda não atingiram o seu alvo, com bastante arelha dos traficantes. Os mineiros, a despeito de todos os sacrificios e de todos os sofrimentos, conservam-se unidos e espreçados na sua vitória...

O triunvirato «jesuitico-socialista» usa igualmente esta tática: preterir que as minas se arruinem, mas esperar que a solidariedade do operariado português se cante. Confiar que o operariado se há de aborrecer e abandonar, pouco a pouco, os estoicos mineiros de São Pedro da Cova, Calculam lá para os seus botões de roedores implacáveis: «A solidariedade mingua, as cosinhas comunistas apagam-se e a fome aperta aqueles desgraçados que tanto tunante tem enriquecido. Como, quando se lançaram na greve, já não tinham uma cédula de cinco centavos ou qualquer míniçulo objecto de valor, dentro das suas infectas habitações, as humídes toupeiras humanas ora em greve, vê-se-hão coagidas a render-se, em face duma situação tam desesperada. E depois, morando da sua miséria extrema, pespegando-lhes com um sermão... de lágrimas do abade seboso e com uma prédica de socialismo avariado do antigo «propagandista» oliveirense, melhor, mais à vontade, aquelas criaturas serão conduzidas ao Calvário tenebroso da exploração desenfreada».

Assim pensa Zarzustra, perdo! o fatídico triunvirato que tiraniza São Pedro da Cova.

Os directores das minas, ao que consta e é do conhecimento dos grevistas, já não fazem questão de conceder aos

reclamantes mais uma dúzia de centavos. Contudo, o que eles não querem, nem sequer por sombras, é que fique apegada a organização operária, é que fique de pé, como uma permanente ameaça à Associação dos Operários Mineiros e Anexos de Gondomar.

Esta deve dissolver-se, encerrar a sua sede, desaparecer da lista das colectividades trabalhadoras activas; e a restante organização sindicalista deve sofrer um revez, um abalo que lhe sirva de lição mestra...

Sim, mas qualquer coisa, umas miséras migalhas, mas não por acordo firmado entre a usurária Companhia e qualquer comissão saída da Associação dos grevistas ou da delegação confederal... Não qualquer coisa, mas a tróca da mais ignominiosa humilhação: uma repulsa esmolta...

Temos, porém, esperanças de que a solidariedade do operariado se intensificará, desarmando os torvos desígnios dos exploradores das minas.

Mas há mais: o Severiano! personagem da Carris e o loicólio criatura da rua Chã intrujam-se mutuamente. Ou por outra: só o Severiano é que aldraba o Torcato? Como? Desta maneira: O Severiano vai aos escritórios do Monte Aventureiro; paga do telefone, tilinta e faz a pergunta do estilo: «Está lá? E o claro: o Torcato responde que sim, que está, vigilante e de boa saúde.

«Como vão as coisas, aí, por São Pedro da Cova?»

—Na mesma. Os grevistas não se rendem, nem pela hostia. E o material, e as minas, cada vez mais se arruinam...

—Pois olhe, aqui, no Monte Aventureiro, as coisas vão correndo às mil maravilhas... O pessoal vai-se apresentando...

O outro não acredita, e nesta parte, tem razão, porque não passa duma larça, já que não sabem o que hão-de fazer, vigarizam-se amenamente...

Um caso curioso se deu também, segundo informes colhidos.

Para que os grevistas ficassem com uma desagradável impressão bem graduada nas suas atónias retinas, a Companhia alugou uma camionete. Dentro, após um determinado acordo estabelecido, meteram-se uns indivíduos quaisquer com traje à mineira—e abalaram para São Pedro da Cova... No alto ainda da serra, mas à vista dos grevistas, os comparas decembarraram e desceram por um dos lados do monte.

«Eram homens que sabiam trabalhar minas? Não. Eram criaturas contratadas para desempenhar um papel de papão, a fim de que os grevistas ficassem persuadidos de que tinham chegado mineiros do Transvaal, da bacia

do Ruhr, de Rio Tinto espanhol ou da Cochinchina, para substituir o antigo pessoal despedido da ratona Companhia...

Mas não pegou o truque, nem com visco...

Já agora para terminar, e com relação aos presos.

Estes foram enjaulados no Aljube sob a acusação de agitadores, de agressores de amarelos, de terem feito ameaças terríveis contra a Companhia e o Estado...

Agora sabe-se porque foram detidos os dez mineiros: A Companhia acediu às autoridades de demasiado benévolo, para os grevistas, quicá de covardes e cúmplices. Bateu o pé, de protesto contra a atitude cúmplice das autoridades, e exigiu ao administrador de São Cosme de Gondomar, não um nabo dos maiores para nele roer a sua aflição, mas a prisão daqueles operários—e? que assim—reflectiu a Companhia—com a detenção daquela gente espanhola-se o terror, o desalento, e a greve talvez termine...

O bom-sérs do administrador, todo subversivo, mestras, cagarolice—cumprir imediatamente os ditames da Companhia, porque ela também é amiga e não se esquece dele...

Como, porém, o administrador não tem apresentado qualquer prova das suas acusações—os 10 perseguidos devem ser postos em liberdade amanhã, depois de cumpridos os 8 dias, da praxe, de encarceramento. Se não mentirem as declarações das autoridades respectivas da investigação...

Eis a odisseia de São Pedro da Cova: eis as marionetas da referida Companhia orientada pelo interessante triunvirato: o heroísmo dos mineiros.

União dos Sindicatos Operários do Porto

Na reunião federal de terça-feira preterita, este organismo apreciou devida e devidamente o estado da greve de São Pedro da Cova. Todos os delegados se referiram ao processo velhaco que a Companhia mineira tem usado para com os grevistas, procurando vencê-los, não só pela força, mas ainda por uma rede estúpida de intrigas e boatos que ela tem espalhado.

O delegado da Delegação Confederal, que mais de perto tem privado com os grevistas, deu amplas explicações a respeito, acrescentando que os propósitos da empresa são atinentes a desacreditar

A BATALHA na província e nos arredores

Leves impressões colhidas numa visita á linda cidade de Tomar

Para nós, pobres mortais que mal equilibrámos a vida á custa da fraca remuneração do esforço produtivo, para nós a quem não é dado mergulhar a vista livre de belezas nas maravilhas prodigalistas da natureza ou criadas pelo espírito rude mas perene de artista e pelas mãos calosas, mas delicadas, dos nossos antepassados. Tomar não era mais do que uma miragem fantasiosa da tradição, de origem perdida nas sombras do pretérito, prendada pela natureza, bela nos seus monumentos históricos, rica nas suas indústrias, modernizada em costumes e predisposta a contribuir para uma etapa final de felicidade comum, como fecho das etapas propulsoras com que o progresso a vinculou desde as suas muralhas mouriscas até á maquinaria industrial — a mais aperfeiçoada.

Foi, pois, com sensível satisfação que tomámos lugar no comboio que nos conduziu a Paialvo, afim de darmos cumprimento á missão de que nos incumbiu a C. G. T.

A ingrata noite, com o seu negro véu, esconde aos nossos olhos observadores, paisagens que devem ser lindas e faz-nos mergulhar a vista inter-portas da carruagem, a prestar ouvidos ás conversas profanas dos negociantes que, pulando nos meios rápidos de locomoção, levam mais a cautela do que a abundância a todos os pontos do país. Vergados ao péso da conversa de negócios, deixamos que Morfeu nos cerrasse os olhos, reabrindo-os só quando ouvimos, fora, bradar: — Paialvo!

Saltamos lestos e apressamos-nos a tomar lugar no omnibus que nos há-de conduzir a Tomar. A única luz de acatene que alumia o carro, apaga-se e lá marchamos empilhados, entregues ás mãos bêbadas do condutor que, com mestria, vai contornando as curvas apertadas da estrada estensa.

Tomar denuncia-se nos seus laços. Fica numa baixa e dorme o pesado sono das primeiras horas da madrugada, estorvado agora pelo ram-ram do omnibus.

Aguarda-nos um grupo de amigos. Trocamos, com afecto, saudações; e, para desentorpecer, encaminhamos-nos para a margem do Nabão, cuja água murmura nos agudes, voltando nós depois em demanda de um descanso reparador.

Tomar «civilizada». Burguesismo e paganismo

Manhã de domingo. A cidade agitada, entrecusando-se os forasteiros e os

indígenas a estadearem os seus fatos de ver a deus. Algumas figuras femininas envoltas num luxo mal talhado, fazem-nos apresentar um ambiente pretencioso. No nosso caminho não encontramos a afluência do trato, que se respira nas terras menos civilizadas e, chegados a um extremo da cidade temos a impressão de estarmos apreciando uma expobre vendadeira de queijos que

Pobres espíritos esses, que entoando um «bendito» vão calcitrando a terra maldita e levar os novos vendilhões — que Cristo se voltasse correria a pontapé, por achar pouco o chicote — as malhas — amassadas e do suor do rosto, em troca da água e da terra com que os milagres dizem curar as enfermidades corporais. Lamentáveis doentes do misticismo, que na embriaguez da

remuneram como industriais, ou exploram como comerciantes.

Afastámo-nos moralmente torturados, mas contentes de que um dia virá em que os povos, quebrados as algemas convencionais que os mantêm, lançado para o passado o que ao passado pertence, beberão na limpidez da harmonia Natureza os ensinamentos que tornará os homens amigos, por cima de todos os ultramontanismo.

Tomar vista através da sua arte e as suas belezas naturais

A Natureza foi pródiga com a cidade nabantina. As escarpas que a circundam oferecem-nos paisagens feéricas, salpicadas pelos olivais frondosos, ajuizados ao péso do fruto, de cujo sumo abundante a população, por certo, consumirá a exigua porção pelo fabuloso preço que fôr da soberana vontade dos mercantilistas.

Nos pontos mais elevados, além do castelo mourisco, destacam-se, como abutres de olhos fixos na presa, algumas ermidas. Em baixo e voltando costas ao castelo, o Nabão rumoreja levando a sua água, agora barrenta, a movimentar as azenhas que vão refrescar as margens fecundas e vicejantes. Junto a ponte que liga as duas partes da cidade a que o vulgo designa por Portugal e Espanha, uma quinta estensa em forma de ilha, deliciosa com os seus gigantescos charões, de ramaria mergulhada nas águas do rio.

Envolve essa ilha uma espécie de lenda a que não faltam as fadas — fadas viventes de olhos tentadores — mas, já mais os curiosos deixaram de esbarrar com uma tableta fatídica que encina a entrada dessa espécie de harem e que, no seu «é proibida a entrada», sintetiza a propriedade privada.

Falam-nos nas belezas de arte do Convento de Cristo, e sentimo-nos como a criança gulosa a quem falem em doces. Atravessamos a praça, subimos lestos a encosta e das sinuosidades fomos disfrutando variantes panorâmicas.

Já próximo do cume em que se assenta o Convento a vista prende-se no seu objecto profano, ao mesmo tempo que uma pequena força de guarda republicana surge perto.

Um camarada explica: — «No convento há um posto de telegrafia sem fios e uma das dependências é quartel da C. N. R.»

Um pouco mais e chegamos ao portão do convento onde entre outros monumentos algumas figurinhas místicas sobressaem, com uma perfeição de formas admirável, uns rostos modelados por mãos de mestre.

Achámos estúpida a ideia de um João III, que, erigindo um casarão inestético para acolitar frades entorpecidos, vandalicamente, em cal e pedra, maravilhas de arte.

Percorremos o interior do convento e detemo-nos ante as suas belezas, desde a charola árabe de pinturas delicadas, até às colunas do extenso coro, feitas em mármore de Carrara de perfeitos embutidos coloridos — a contrastar com um caderal tóxico que substitui um outro artístico que foi desviado pelos franceses na invasão de 1808-1814 — a «sala do capítulo» com a sua história e divulgada janela «manuelina».

O guarda — uma espécie de album — não descrevendo as mutilações sofridas pelo templo através das várias épocas.

mente, o triunfo da ciência, sobre a teologia.

Desce-mos de novo á cidade, com a vista ainda enleada pelo que havíamos visto e fomos estarrar com um aborço que nos disseram destinar-se a teatro e que representa um verdadeiro atentado á arte arquitectónica.

A vida industrial e a organização operária

Tomar é um grande centro industrial, com as suas fábricas de papel, fábrica de tecidos e outras indústrias.

Desejavamos ter podido visitar algumas fábricas; mas, o escasso tempo não nos permitiu. No entanto, tentámos ver a fábrica de tecidos de algodão que nos consta ser a melhor no género, não o conseguindo porque ao solicitarmos concessão no-la negaram, por se ter partido um veio.

Das restantes, foi-nos dito que seria difícil o acesso porque os seus proprie-

serão 600 operários. A construção civil, indústria do calçado e metalurgia foram também uma população relativamente grande.

Organização operária pouco existe, devido talvez a que o Nabão, com as suas frondosas margens, absorve o espírito contemplativo do operariado não o deixando aperceber-se da situação mísera que atravessa. Não é porque a semente da propaganda ali não tenha sido lançada abundantemente, tendo sido Tomar o local escolhido para a elevação do 1.º Congresso Operário Nacional. Não é também porque ali faltam elementos aproveitáveis se o quizerem ser. Talvez injustificadas vaidades, picuinhas e despeitos tenham estorvado um bom aproveitamento.

No entanto, desempenhando-nos da nossa missão, demos uma sessão em Pedreira, na Associação dos Trabalhadores dos Fabricantes de Papel. A ideia foi debaixo de chuva e a desolação ao trocarmos na Pedreira não se descreve. Distante de Tomar, aproximadamente duas léguas, a Câmara não se esquece de cobrar aos municípios as elevadas contribuições; mas, se querem estradas teem que as fazer ou pagar segunda vez, as ruas são imundas e luz... não há.

A sessão, num pequena sala, estava regular e durante algumas horas os operários papéis foram ouvindo palavras demonstrativas do valor da Associação e do que é mister fazerem para atingir uma era de maior felicidade.

Ali soubemos que a companhia Pradão uma das mais poderosas é também, por regra a mais escravizadora.

Saimos com a esperança de que em breve e merecê de persistente propaganda, será possível constituir-se naquele ermo um forte baluarte operário.

Voltando a Tomar, apoiados por alguns elementos de boa vontade, preparamos e realizámos uma sessão geral na sede da antiga Federação Operária, a qual terminou pela nomeação de uma Comissão de Propaganda e Organização.

Estava finda a nossa missão. Retiramo-nos caminho de Lisboa, animados pela jovialidade dos camaradas que deixávamos.

Já no comboio, um semi-rápido tam «semi» que chegámos com uma hora de atraso, ainda pensávamos:

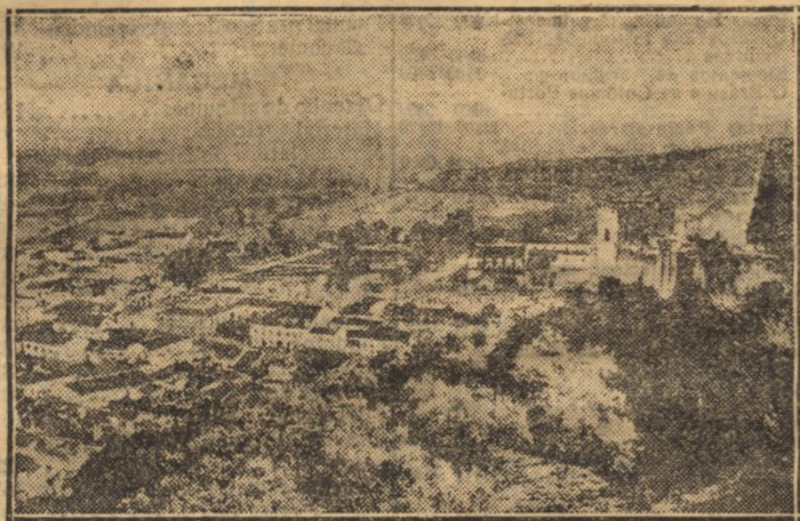
Será mais um esforço perdido?

Poderemos concluir?

Mas em Tomar há tanto escravo a organizar para libertar.

Teem, pois, a palavra o elementos de Tomar.

Santos ARRANHA



TOMAR—Vista parcial da cidade

tendo feito rápida fortuna passou a vestir á moda.

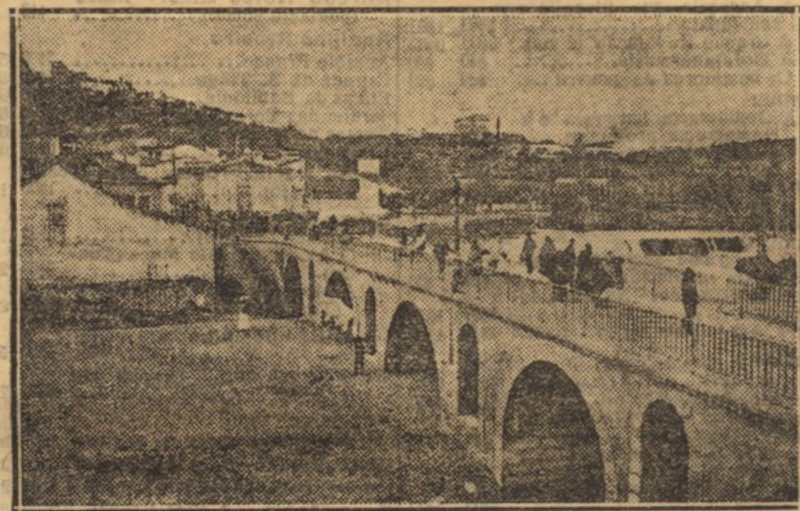
Na praça, junto ás paredes negrecidas da igreja, uma multidão de rostos macerados, esfarrapada, descalça e enlameada, alguns sentados no chão húmido, aguarda...

Interessados pelo quadro perguntámos a sua significação. Alguém nos informou: — São os peregrinos da «Fátima». Ante um irreprimível abel de nossa parte, relatam-nos a passagem de grupos dessa gente que, obcecada pelas mentirosas afirmações dos fundibulários da fé, deixam os seus lares paupérrimos e arrastam, por caminhos enlameados em busca dos milagres da nova «Lourdes».

E vão conforme as suas categorias: uns em autos, outros em carros, outros ainda, os mais miseráveis, a pé, todos estupidificados, cantando roufamente em coro, como num sacrifício pagão, os cânticos que a padralhada lhes impinge.

ilusão visionam no pó do astro Sol sinistre de assentimento á sua credulidade.

E absorvidos na contemplação destes farrapos humanos, perpassou-nos a mente a ideia de termos visto num paquim, «A Voz da Fátima», — salvo erro — umas patacoadas escritas por qualquer vendedor de milagres, em que, num escarneo pela ciência, se apresentavam rápidas e maravilhosas curas de chagas, só com a terra molhada da Fátima. Tivemos desejo de gritar a essa gente que aplicasse de preferência os emplastros de terra molhada sobre os crâneos, esquentados, porque talvez, assim, as células cerebrais atrofiadas reagissem e os fizessem encerrar as realidades da vida: O padre, de rosto untoso e de voz de árpa, que em nome da fé lhe prostitua as filhas, ao mesmo tempo que os aconselha á humilhação ante os ricos — aqueles que vão á Fátima de automóvel luxuoso recrear-se na imbecilidade dos escravos, a quem mal



TOMAR—Ponte sobre o rio Nabão

cas e nós fomos tendo a impressão de que em todos os tempos existiram vândalos e lembrámos o facto de ali estar instalado o tal posto da C. N. R.

Saimos e, fóra daquele ambito ba-fiento, respirámos e achámos interessante que «Marconi» se tivesse instalado sobre as reminiscências dos séculos XV, XVII e XVIII, afirmando, altiva-

lários são muito ciosos dos seus sobrados.

A população das quatro fábricas de papel, Prado, Porto de Cavaleiros, Mariana e Mariana, anda por mais de mil homens que auferem uns salários irrisórios, em média de 7500 para os homens — que são em menor número — e de 3550 para as mulheres. Têxteis,

TEATROS

Notícias

A peça que, em S. Carlos, segue a «Rajada» é a «Magda», cuja «réprise» está marcada para a noite da moda de terça-feira próxima.

— Está marcada para sábado 3 de Novembro, a inauguração da época de inverno do Nacional, que reabre com a peça história «Alcázar Kibir», de D. João da Câmara. Ontem iniciou-se ali a assinatura para a nova temporada, que vai ser realizada sob orientação do escritor teatral Lino Ferreira, o novo administrador do teatro. A assinatura continua hoje aberta, no escritório do teatro, e abrange 8 réditas, sendo 4 com peças novas e 4 com reposições, sendo nestas incluída a inaugural.

— Além dos quatro originais que estão aprovados pela comissão de leitura, será representada, no Nacional, na época actual, a tragi-comédia histórica em 5 actos «O Pastelero de Madrigal» (Rei ou Vilão?), original de Augusto de Lacerda e que obteve o primeiro prémio no concurso oficial de originais portugueses, cabendo-lhe, além do prémio pecuniário, o subsídio para a sua montagem.

— Foi contratada para a próxima época de circo que se inaugura no Coliseu dos Recreios no dia 27 do corrente a Troupe Bonheur composta de seis artistas cujo trabalho de jogos icários tem sido apreciados nos principais circos do mundo.

Recêlames

Apesar da enorme concorrência que continua atraindo a S. Carlos, a famosa peça «A Rajada» poucas mais representações dará, em consequência da companhia Lucília Simões fencioniar representações várias peças do seu vasto repertório, tendo, também, quasi pronta para subir á scena a comédia «A Vinha do Senhor», que será a primeira peça nova da temporada. Hoje, em S. Car-

los, ainda se repete «A Rajada», em que Lucília é verdadeiramente prodigiosa.

— O espírito scintilante de Eduardo Schwaibach continua a alegrar o público do Apolo, com a sua graciosíssima revista «O Pé de Meia». Os espectadores riem sem descanso, com as numerosas cenas, cheia de animação e colorido, que contém a revista, e muito aplaudindo os seus intérpretes.

Hoje, no Apolo, repete-se «O Pé de Meia».

CARTAZ

S. CARLOS — As 21,15 — «A Rajada». NACIONAL — Não há espectáculo. S. LUIS — As 21,15 — «A Voz da Fátima». POLITEAMA — As 14,30 e 20,30 — Anima-tório. APOLO — As 21,15 — «O Pé de Meia».

AVENIDA — Não há espectáculo. EDEN TEATRO — As 21,15 — «O Chico das Pegas».

MARIA VITORIA — As 20,45 e 22,45 — «Clic-Tac».

GIL VICENTE — «O Domador de Feras».

CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII). — As 21,30 e 23,00 — Companhia de circo e Variedades. Vozes bravas.

AVENIDA PARQUE — (Antigo Parque Mayer) — Recinto de recreios e diversões. Todas as noites «concertos» e iluminação.

OLIMPIA — As 20,30 — Anima-tório. SALAO ROZ — As 14,30 e 20,30 — Variedades.

CHADRO TERRASSE — As 14,30 e 20,30 — Companhia Infantil.

CONDÉS (Avenida) — Anima-tório. CENTRAL (Avenida) — Anima-tório.

CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) — Anima-tório.

IDEAL (Loreto) — Anima-tório.

ROSSIO (Arco Bendeira) — Anima-tório.

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores.

LIDE A BATALHA

LIMAS

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores.

LIDE A BATALHA

LIMAS

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores.

LIDE A BATALHA

LIMAS

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores.

LIDE A BATALHA

LIMAS

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores.

VIDA ANARQUISTA

Aldegaleta — E. C. Pereira. — Setembro 702 exemplares. Seguem os jornais para os novos assinantes.

Fall River — S. Ferreira. — Recebemos carta e cheque; vai seguir encomenda. — J. Baptista. Recebemos carta; vai seguir o que pedes. — J. R. Mendes. Recebemos 2 dólares para Daniel Severino.

Rio de Janeiro — V. Correia. — Entendidos; seguem os jornais pedidos. — D. Passos. Seguem por estes dias os folhetos pedidos.

Vale de Vargo. — Associação dos Rurais. — A assinatura fica paga até 31 de Janeiro.

Faro. — J. G. S. — Recebido 90502. Tunes. — M. P. — Recebido 107570. Almanacil. — M. C. — Assinatura fica paga até 5 de Novembro.

Moura. — Agente. — Recebido 29512. Freixial. — J. R. C. — Assinatura fica paga até 16 de Novembro.

Tavira. — Agente. — Recebido 14500. Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores.

LIDE A BATALHA

LIMAS

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores.

LIDE A BATALHA

LIMAS

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores.

LIDE A BATALHA

LIMAS

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores.

LIDE A BATALHA

LIMAS

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores.

LIDE A BATALHA

LIMAS

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Trabalhadores.

LIDE A BATALHA

LIMAS

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

COVA DA PIEDADE

19 DE OUTUBRO

Três organismos operários expulsos pelo senhorio

Há nesta localidade umas propriedades, sitas na rua das Salgueiras e pertencentes a José Maria de Sousa, nos quais estavam instaladas as sedes do Sindicato Unico da Construção Civil, dos Descarregadores de Mar e Terra e da Juventude Sindicalista. O senhorio é também proprietário de uma farmácia na rua das Pretas, em Lisboa, onde a comissão se dirigiu para o entrevistador.

Aquele senhor, que a recebeu com maus modos, demonstrando pouca educação, declarou estar o recibo na mão do seu procurador e o protesto, nada podendo fazer sobre o caso.

Como a comissão salientasse a sem-razão de tal violência, o sr. Sousa, que até parecia disposto a mandar prender os seus interlocutores, respondeu que não admitia nas suas propriedades sindicais, escolas ou quaisquer outras colectividades.

De modo que a obstinação revoltante deste senhorio, que não quer desistir das negras tradições da sua classe, obrigou os três referidos organismos a ficarem sem sede.

O Núcleo de Juventude Sindicalista está agora instalado no Sindicato dos Corticeiros, em Mitela.

VIANA DO CASTELO

18 DE OUTUBRO

Julgamento de operários

Para satisfazer o ódio e a vingança de alguns industriais de sapataria desta cidade, realiza-se no dia 29 do corrente julgamento dos operários Henrique Vieira, José Soares Barbosa, Domingos Gonçalves Juáior, Cândido Gomes e Manuel de Passos Correia, por motivo da última greve dos manufatureiros de calçado.

Solidariedade

A Associação dos Carpinteiros levantou do seu cofre a quantia de 100500, sendo metade para os mineiros de São Pedro da Cova e a outra parte para os

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

19 DE OUTUBRO

Reabertura do Sindicato ferroviário

Foi no dia 17 pelas 21 horas reaberto o sindicato ferroviário do pessoal do Sul e Sueste no meio grande entusiasmo. Foram lançados alguns morteiros pela vila como sinal de regozijo.

O administrador do concelho que quando do seu encerramento mandou a tropa, e que tinha colocado algumas patrulhas a guardar o edifício, para a sua reabertura deu a chave a um ferroviário sem o prevenir que se encontravam ali dois guardas a que podia dar

Capaz será ela de vir ter comigo á loja... Oh! meu Deus!... se assim fizer, o que não dirá a sr.ª Lebronn e a menina?

Um novo incidente interrompeu por um momento as castas apreensões de Gildaz.

Viu parar de frente da porta uma carroça de quatro rodas puxada por um vigoroso cavalo, e que carregava com três grandes caixas de sete pés de altura, nas quais se lia: *Frédéric*...

Dois homens de blusa guiavam a carroça: um deles, chamado Dupont, já tinha aparecido pela manhã muito cedo na loja para pedir ao sr. Lebronn que não fosse visitar a sua provisão de

alimentação; o outro, era um homem barbado. Decerem da carroça, e Dupont, o maquinista, ao entrar na loja, cumprimentou a sr.ª Lebronn e disse-lhe:

— Está em casa o sr. Lebronn?

— Não senhor.

— Taagolhe aqui três caixas com espelhos.

— Bem, respondeu a sr.ª Lebronn. E chamando Gildaz:

— Ajuda a arrumar aquelas caixas de espelhos, Gildaz.

O marçano obedeceu, continuando a dizer consigo:

— Assombrosa casa... Três caixas de espelhos!... e como pesam! Se todos eles serão para uso da patroa e da filha!

Dupont é o companheiro barbaçoado acabavam de arrumar, ajudados de Gildaz, as caixas de espelhos no arma-

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

19 DE OUTUBRO

Reabertura do Sindicato ferroviário

Foi no dia 17 pelas 21 horas reaberto
